

Encapuzados matam índio com cinco tiros

Ataque aconteceu segunda à noite. Cerca de 30 policiais foram deslocados para a Aldeia dos Araças, a 270 km de Salvador

Das agências Estado e Folha

José Domingues de Jesus, um índio quiriri de 17 anos, foi morto com cinco tiros de rifle calibre 44 quando conversava com dois amigos nas proximidades de sua casa, na Aldeia dos Araças, município baiano de Banzaê, a 270 km de Salvador. O ataque aconteceu na noite de segunda-feira e outro índio, José Railton Souza, saiu ferido nas duas pernas. Ademário Andrade, que estava junto, saiu ileso.

Os índios teriam sido atingidos por dois homens encapuzados, em mais um capítulo do conflito pela posse da terra envolvendo posseiros e facções de índios rivais, que já dura 20 anos na Reserva Quiriri, de 12 mil hectares. Segundo o delegado Celso Lima, de Ribeira do Pombal, vizinho a Banzaê, os dois desconhecidos mascarados chegaram e, sem dizer uma palavra, dispararam contra o grupo.

Transportado para o Hospital Clériston Andrade, de Feira de Santana, onde foi medicado, Silva disse aos policiais desconfiar que os assassinos pertencem ao grupo do cacique Lázaro, adversário da facção comandada pelo cacique Manuel, da qual os três quiriris atacados fazem parte. O delegado Lima iria iniciar a investigação do crime ontem à tarde e preparava o transporte de 30 policiais civis e militares à Aldeia dos Araças com objetivo de manter a segurança no local.

Os dois mil índios quiriris reclamam a posse das terras da reserva, onde há décadas existe um cemitério considerado sagrado. Eles asseguram haver referências sobre a tribo na área em documentos de 1700. No final dos anos 1980, quando a reserva foi finalmente demarcada pelo governo, foram encontrados mil posseiros instalados nas terras indígenas. Os últimos 12 anos têm sido marcados pelas tentativas de retirar os colonos da área e briga das duas facções de quiriris pelo controle de áreas maiores dentro da reserva.

A maioria dos posseiros já saiu, mas uma pequena parte continua reivindicando indenização da Funai e no início do ano destruiu dois veículos do órgão como protesto pelo atraso.

Outra região de conflito na Bahia é Pau Brasil, 528 km ao sul de Salvador. No final do ano

passado, dois soldados da Polícia Militar morreram em confronto com índios das tribos pataxó e pataxó-hã-hã que ocuparam 14 fazendas da reserva Caramuru-Catarina-Paraguassu. Os índios reivindicavam a posse de 56 mil hectares de terra que foram demarcados em 1926.

SEM-TERRA INVADEM

Em Cuiabá, mais de um mil trabalhadores rurais sem-terra ocupam desde segunda-feira a sede do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Eles reivindicam recursos e a desapropriação de 55 fazendas para assentamento de

seis mil famílias no estado. Ao contrário de outras invasões, desta vez o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) alega que só deixa o local depois da emissão dos títulos das propriedades. Para tanto, os trabalhadores estão estocando alimentos para

pelo menos dois meses no local. Segundo Adevaire Aparecido, da direção estadual do MST, a invasão é para pressionar o Incra a cumprir reivindicações antigas. "São todas reivindicações apresentadas em novembro do ano passado, para as quais o superintendente prometeu resolução rápida. Na prática, não conseguimos nada e por isso estamos aqui", disse.

O superintendente do Incra, Clóvis Cardoso, informou que vai obedecer a Portaria 325 do Ministério da Justiça, que determina a não negociação das reivindicações enquanto o órgão estiver ocupado. "Pedi que a Secretaria de Segurança e a Polícia Federal resguardem o prédio, porque na quinta-feira entrarei na Justiça com o pedido de reintegração de posse", informou.

Os trabalhadores rurais se deslocaram de vários municípios para ocupar a sede do Incra. Caso não haja acordo, prometem invadir o Palácio Paiaçuás (sede do governo). "Trouxemos 70 sacas de arroz e feijão para ficarmos aqui o tempo que for necessário", avisou Osmar Tolomeu, da coordenação estadual do MST.

A entidade tem 32 assentamentos em Mato Grosso, com cerca de três mil famílias. Dessas, nem todas receberam os recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), no valor de R\$ 9,5 mil para cada família.

DISPUTA

O conflito pela posse da terra, que tem

12 mil

hectares, envolve posseiros e facções de índios rivais e já dura

20

anos